

Bem-te-vi



Informativo mensal do Sistema Saúde Escola das Faculdades de Ciências da Saúde e de Medicina da UnB. Janeiro, fevereiro e março de 2016/ Edição especial - nº 15

Projeto do Sistema Saúde Escola é aprovado no PET GraduaSUS >> p.02



Professor Carlo Zanetti assume superintendência da Regional Leste de Saúde >> 03

Coordenadores articulam-se para inserção de alunos nos cenários de práticas >> p.04

Estudantes, bolsistas e colaboradoras da FS/UnB se unem em busca de uma vida saudável >> 06

Vem aí: 12º Congresso Internacional da Rede Unida >> 08

Livro reúne artigos sobre aproximação da Universidade aos Movimentos Sociais >> 09

Projeto do Sistema Saúde Escola é aprovado

A Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES) divulgou o [resultado](#) da seleção dos projetos inscritos no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET Saúde/GraduaSUS) – 2016/2017. O projeto do Sistema Saúde Escola das Faculdades de Ciências da Saúde e de Medicina da Universidade de Brasília (SSE FS e FM/UnB) foi aprovado sem pedidos de adequações, conforme o resultado preliminar da seleção. A publicação do resultado final está prevista para o dia 14 deste mês.

O trabalho foi fruto de muita articulação entre professores dos diversos cursos da FS e da FM, principalmente dos representantes da Regional Leste de Saúde e da Coordenação do SSE, que realizaram diversas reuniões para mapear problemas e potencialidades, sugerir, analisar e definir ações estratégicas para as Faculdades e para o SUS, com foco na Regional.

Conforme a publicação, as secretarias de saúde e instituições de ensino superior selecionadas deverão firmar termo de compromisso com o objetivo de atender às adequações dos respectivos projetos, quando for o caso.

A coordenadora do SSE, professora Dais Rocha, informa que será divulgado edital para seleção de estudantes. Ainda segundo Dais, os critérios para seleção obedecerão às diretrizes do edital do Ministério da Saúde e os departamentos discutirão ações comuns e específicas, que serão priorizadas nos Núcleos Docentes Estruturantes (NDEs) e no Colegiado de Graduação da FS. A partir da reunião do Colegiado Gestor do SSE - agendada para o próximo dia 11 - e a publicação do resultado final da seleção no dia 14, serão definidas as datas da chamada dos preceptores selecionados e da realização das oficinas de planejamento para o início dos trabalhos.

As ações atenderão aos três eixos do edital, articulados às linhas de prioridades da Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF); à Região Leste: Articulação da Atenção Primária em Saúde (APS) e Vigilância em Saúde (VS); Doenças e Agravos não Transmissíveis (Dant); Envelhecimento e Coordenação do Cuidado; Saúde da Mulher e da Criança (Rede Cegonha); Acolhimento e Acesso aos diferentes níveis de atenção e Atenção Psicossocial.



SEMANA DE ACOLHIMENTO
TEMPO DE RENOVAÇÃO

7 a 11 de março de 2016

FS FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
Universidade de Brasília

COMUNICA FS

ECOS LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SAÚDE

A semana de volta às aulas na Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (FS/UnB) mais uma vez está repleta de atividades para começar o semestre com energia total. Serão realizadas exposições dialogadas, inaugurações, cursos de extensão, dentre outras atividades.

O lambe-lambe, a Tenda Paulo Freire e o vi-

deogame com sensor de movimento também estarão disponíveis durante toda a semana.

Outros detalhes como horários e locais das atividades estão disponíveis na programação, confirmam.

 [PROGRAMAÇÃO](#)

Professor Carlo Zanetti assume superintendência da Regional Leste de Saúde

Carlo Zanetti, professor do Departamento de Odontologia da FS/UnB, assumiu, em meados de janeiro, a Superintendência da Regional Leste de Saúde do Distrito Federal. Essa nova instância de administração faz parte da reestruturação da Secretaria de Saúde do DF e, segundo o professor, é um processo de descentralização da gestão da pasta, semelhante ao ocorrido nos anos 90, no início do Sistema Único de Saúde (SUS). “A analogia imperfeita, porém, que mais se aproxima, é de uma secretaria municipal de saúde. Entretanto, um município é um ente jurídico próprio e autônomo da federação. A superintendência, com autonomia relativa, não terá a autonomia completa de um município”.

Ele revela que a intenção da SES é, ao longo deste ano, ir aumentando o grau de autonomia das superintendências para que, em 2017/2018, elas possam fazer uma gestão local mais efetiva, inclusive com descentralização de

recursos financeiros. Ainda segundo Zanetti, isso tudo está sendo formatado. O professor afirma que não hesitou em aceitar o cargo, pois percebeu o momento histórico para o DF, tal como foi o início dos anos 90 para todo o SUS no Brasil. “O que percebo é uma oportunidade histórica, um processo em construção, que não está dado, nem definido. Acredito, como Poulantzas, que ‘estado é condensação material de forças’. Ou seja, o que fizermos agora contribuirá, para melhor ou pior, para o futuro processo de descentralização da gestão da secretaria”, diz.

Com quase dois meses frente à Superintendência e muitos anos de trabalho na região como professor, Carlo Zanetti consegue identificar o que ele aponta como o maior desafio: a construção política desse processo numa instituição que não tem uma cultura de participação. “Criar um ambiente em que a inteligência existente saia dos esconderijos e



O professor assumiu o cargo de superintendente no dia 15 de janeiro. Foto: Arquivo pessoal.

das sombras - decorrência de uma gestão vertical, estruturada exclusivamente em chefias, que acaba afugentando as pessoas. Esse é o maior desafio. Existe muita inteligência e quadro, entretanto, não há participação institucional”, afirma o novo gestor.

Ao ser questionado sobre como enfrentar essa situação, ele ressalta: “Acredito que como sanitarista posso contribuir com o sentido do processo de descentralização e assim consigamos escrever uma história de sucesso, de um SUS mais participativo, com uma gestão mais aberta e democrática”.

Atores estratégicos do SSE vão participar de colegiado da Superintendência

Desde a reestruturação da SES-DF, o Distrito Federal passou a ter sete superintendências e não mais 15 coordenações regionais de saúde. Uma delas é a Superintendência Leste, composta pelas regiões do Paranoá, Itapoã, Jardim Botânico, Mangueiral, São Sebastião, Complexo da Papuda e a região rural. O Paranoá e o Itapoã eram as áreas de atuação prioritariamente disponibilizadas pela SES à UnB. Com a reestruturação, os cenários foram expandidos.

Para Zanetti, a vantagem dessa mudança é a ampliação dos cenários de práticas. Agora, a área de atuação será toda a região da Superintendência, um extenso território que inclui desde equi-

pes de saúde da família (ESFs), urbanas e rurais, centros de saúde tradicionais, unidades de pronto atendimento (UPAs), casas de parto e hospital.

Quanto à participação e parceria do SSE, o superintendente comenta que pretende mudar a gestão baseada em chefias, para uma gestão de base colegiada, mas não na lógica colegiada vigente na UnB, a qual pressupõe candidaturas. O SSE participará dos colegiados, juntamente com o controle social. “Dessa forma, teremos mais participação e garantiremos uma discussão mais qualificada. Tudo isso está em franca construção”, explica.

Coordenadores das residências e do SSE articulam-se para inserção de alunos nos cenários de práticas

Os coordenadores das Residências Multiprofissional e de Medicina em Família e Comunidade; da Tutoria do Mais Médicos da FM e do Sistema Saúde Escola da FS, Ieda Maria Vargas, Vinícius Ximenes, Elza Noronha e Dais Rocha, estiveram nas unidades de saúde da Regional Leste de Saúde na última quinzena de fevereiro. O grupo pretende conhecer cenários de atuação e práticas de saúde de alunos e professores dos cursos de graduação e pós-graduação das Faculdades de Ciências da Saúde e de Medicina da Universidade de Brasília (FS e FM/UnB), bem como as equipes que serão preceptoras e supervisoras dos aprendizes nos cenários de práticas.

Conforme a coordenadora do SSE, professora Dais Rocha, a intenção do grupo é favorecer a integração dos cenários de práticas para otimizar a gestão dos espaços, dos preceptores, dos recursos, inclusive do tempo, na perspectiva de trabalho integrado vertical e horizontalmente, ou seja, entre os diferentes semestres e no mesmo período dos cursos de graduação com o auxílio dos residentes, que por sua vez são da pós e precisam ficar 60h semanais no cenário, tornando-se estratégicos para acompanhar estudantes de diferentes cursos que atuam no mesmo cenário. “Integrar a graduação com as residências é uma

“E essa essência de nascer junto terá uma repercussão positiva para nos mantermos juntos, compreendermos o trabalho do outro e fazermos consultas compartilhadas, pois estamos gerindo ideias, processos e cenários de forma coletiva”



Coordenadores estiveram em várias unidades de saúde da Superintendência Leste de Saúde. Foto: Ádria Albarado.

conquista que almejamos desde o Pró-Saúde II”, afirma.

Vinícius Ximenes, coordenador da Residência de Medicina em Família e Comunidade da Faculdade de Medicina (FM), concorda com a professora Dais e ressalta que as residências têm potencial de induzir processos para a graduação, pois muitos egressos da Medicina visualizam a residência como um espaço de trabalho e formação imediatamente após o término da graduação. “O

contato dos estudantes da graduação com os residentes, desde os momentos dos estágios, vai criando uma visualização clara por parte desse aprendiz numa perspectiva de itinerário de formação, onde a residência poderá fazer parte e ainda, começar a construir uma mentalidade em prol de termos

profissionais que possam aderir, do ponto de vista da sua vida profissional, na Atenção Básica como projeto de vida”.

Elza Noronha, coordenadora da Tutoria do Mais Médicos da FM, explica que a equipe tem o compromisso de organizar os cenários para inserção dos estudantes numa perspectiva articulada. “O que estamos fazendo é uma consolidação do cenário para qualificar não só o ensino, mas também a assistência e, principalmente, construir a interprofissionalidade para que todas as profissões possam trabalhar no cenário não só no âmbito pedagógico, mas construindo o projeto do cuidado das pessoas”.

A professora do Departamento de Saúde Coletiva e coordenadora da Residência Multiprofissional em Atenção Básica, Ieda Maria Vargas, analisa a articulação dos coordenadores como um movimento salutar e desafiador, com perspectivas de construção de um trabalho interprofissional e interdisciplinar que, de acordo com ela, é o que se almeja para a formação profissional atualmente. “E essa essência de

nascer junto terá uma repercussão positiva para nos mantermos juntos, compreendermos o trabalho do outro e fazermos consultas compartilhadas, pois estamos gerindo ideias, processos e cenários de forma coletiva”, afirma.

Para Vinícius, a articulação das residências e dos projetos do PET-GraduaSUS e outras atividades práticas dos cursos da FS, dará oportunidade de as formações ocorrerem de forma integrada, harmônica e estratégica. “Podemos atuar tanto do ponto de vista educacional quanto da articulação com o serviço, seja no nível de gestão com os trabalhadores ou com a população assistida pela Estratégia Saúde da Família (ESF) e Atenção Básica em Saúde (ABS). Será algo de um efeito importante, pois com o diálogo junto à gestão, conseguiremos visualizar lugares estratégicos para a política de fortalecimento da Atenção Básica no setor leste e onde as residências precisam ser implantadas”.

Outro fato destacado por Vinícius, é que a equipe não quer e nem pretende operar como a academia agiu nas décadas de 1970 e 1980, quando as instituições de ensino superior foram para a regional por meio do programa de Integração Docência Assistencial (IDA) para construir práticas de ensino de forma vertical, normativa,

pouco dialogada com os serviços e trabalhando numa lógica em que a academia é a detentora exclusiva do saber. “Estamos dialogando com o serviço, dizendo que temos uma percepção inicial, porém, mediante a conversa com eles é que vamos definir uma posição de como estruturar a proposta dos programas de residência, que por sua vez têm um caráter muito promissor para tudo que estamos fazendo”.

A diretora de Atenção Primária em Saúde da Regional Leste, Danusa Fernandes Benjamin, aprovou a iniciativa dos professores e enfatizou o momento oportuno para a articulação. De acordo com ela, a saúde do Distrito Federal está num processo mais radical e importante de mudança de sua história, a descentralização da gestão. Para ela, a Superintendência Leste está tendo a oportunidade de trabalhar e implantar o modelo de Atenção Primária em Saúde como organizador da rede.

Ela afirma que a consolidação dos Programas de Agentes Comunitários de Saúde e Estratégia de Saúde da Família e sua transformação em políticas, estão calcados na educação permanente dos profissionais, pois, sem isso, não é possível fazer a conversão do modelo. “Para mim, a Regional Leste é privilegiada por ter a UnB inserida aqui e ter essas ofertas de Residências

Multiprofissional e em Medicina de Família e Comunidade, há muito tempo desejadas pelos profissionais e população. Além disso, essa inserção é boa tanto para o serviço quanto para a Universidade, pois os estudantes serão formados a partir da realidade que vivenciamos, em que as condições não são ideais, mas é o que se encontra em diversos municípios do Brasil afora”.

De acordo com Vinícius Ximenes, implantar as residências de Medicina de Família e Comunidade e a Multiprofissional dentro de uma instituição que tem uma história de residência como a UnB, permite trabalhar numa lógica solidária para pensar cenários de práticas e constituição de habilidades. Para o chefe do Setor de Gestão do Ensino do Hospital Universitário de Brasília (HUB), Carlos Eduardo dos Santos, a integração das residências proporcionará a criação de equipes multiprofissionais nos serviços e, desse modo, além de participarem de disciplinas teóricas de tronco comum, os estudantes da pós e da graduação poderão atuar efetivamente juntos na prática, de forma interdisciplinar, discutindo casos e possibilitando que os usuários dos serviços possam ter toda uma equipe envolvida no seu cuidado.

O HUB é pioneiro na residência multiprofissional. Desde 2010 o Hospital possui as residências multiprofissionais de Atenção Cardíaca e de Atenção Oncológica. A em ABS começará com a da FS, por isso a articulação para que os cursos sejam implantados de forma coesa e integrada, uma vez que a área de abrangência do HUB é a mesma que as da FS e FM. “Estamos animados, ainda mais agora que está ocorrendo uma vertente de discussão em que o currículo será baseado em competências e em diálogo com o proposto pela Sociedade Brasileira de Medicina Família e Comunidade”, diz Carlos Eduardo.



Professores visitaram cenários de práticas e conversaram com profissionais e gestores da saúde durante a segunda quinzena de fevereiro. Foto: Ádria Albarado.

Estudantes, bolsistas e colaboradoras da FS/UnB se unem em busca de uma vida saudável



Estudar, trabalhar, conviver socialmente e manter a saúde em dia tem se tornado um desafio cada vez maior. O aumento de ambientes obesogênicos, estressantes e as 24h do dia que literalmente voa, não tem colaborado para a manutenção da saúde. Conforme pesquisa da Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico de 2014 (Vigitel), divulgada pelo Ministério da Saúde, o índice de brasileiros acima do peso segue em crescimento no país. Mais da metade de população (52,5%) está nessa categoria e destes, 17,9% são obesos, fatia que se manteve estável nos últimos anos.

E foi para sair dessa estatística que cinco estudantes, bolsistas e colaboradoras que atuam e frequentam a FS/UnB procuraram ajuda e começaram a se alimentar de forma saudável e a praticar

atividades físicas. Há seis meses, o grupo conta com a orientação da nutricionista Kênia Baiocchi Carvalho, professora do Departamento de Nutrição da Faculdade e já conseguiu eliminar cerca de 30kg. E o mais importante que eliminar peso, aprendeu a alimentar-se de forma adequada e que é possível manter uma vida saudável mesmo em ambientes obesogênicos e na correria do dia a dia.

O grupo, formado por Elizabeth Alves, Luana Dias, Márcia Faria, Natália Fernandes e a jornalista que vos escreve, Ádria Albarado, tem acompanhamento clínico quinzenalmente e mantém um grupo chamado “Mudança de hábitos” num aplicativo de trocas instantâneas de mensagens. Lá se ajudam, trocam dicas e receitas culinárias, tiram dúvidas e brincam com as dificuldades de se manterem firmes na busca por uma vida mais saudá-

vel.

A nutricionista comenta que ser saudável não é ser magro, sarado ou comer frango ou claras de ovos com batata doce todos os dias e que, normalmente, as pessoas que buscam dietas diferentes querem algo de impacto e rápido por questões de estética. Ela afirma que algumas atitudes, ao invés de colaborar para a manutenção da saúde, pode prejudicá-la. “A monotonia e falta equilíbrio da dieta pode prejudicar a saúde, além do fato de o resultado ser difícil de ser mantido, por isso insistimos na boa e velha alimentação balanceada, com baixo consumo de açúcar, sódio e gorduras, com preferência para alimentos frescos, pois esse é o segredo há muito tempo e com grande evidência científica”, afirma.

Ela ressalta ainda que o ambiente obesogênico é favorecido pela grande oferta de alimentação

não saudável. “Esse tipo de alimentação sempre existiu, mas o que mudou foi a quantidade e a oferta. Você vai ao cinema e são oferecidos baldes de pipoca e litros de refrigerante, vai ao posto abastecer o carro e na loja de ‘conveniência’ há diversos tipos de balas, chocolates, salgadinhos, dentre outros produtos industrializados, na mesma medida em que produtos in natura são mais difíceis”, afirma a nutricionista.

Kênia comenta também sobre o mito de que alimentação saudável custa mais caro, para ela isso não é verdade. “Não é porque a visão romântica da horta em casa e a mãe preparando as refeições não existe mais que vamos deixar de nos alimentar de forma adequada. O que é necessário é planejamento e atenção na sua alimentação, tê-la

como algo muito importante do cotidiano e não uma coisa banal, em que você come qualquer coisa que te oferecem”.

A resistência frente alimentos industrializados e a procura por itens saudáveis, pode, de acordo com a nutricionista, colaborar para um coletivo mais saudável. Para ela, enquanto não aumentar a resistência aos produtos industrializados, haverá demanda e oferta de ambientes obesogênicos. Ela destaca ainda, que é preciso disponibilizar ações de educação quanto aos cuidados com a alimentação desde os primeiros anos de vida, pois só assim teremos ambientes saudáveis.

A obesidade é uma doença que tem origem genética, mas é causada, principalmente pela má alimentação. Kênia afirma que é pre-



Grupo de trocas de mensagens é espaço para ajuda, dicas e brincadeiras. Foto: divulgação.

ciso acabar com a culpabilização das pessoas, pois trata-se de um problema de saúde que deve ser tratado como tal, sem preconceito e estigmas e com seriedade. “Você deve trabalhar com educação em saúde desde criança para favorecer o ambiente para diminuir a prevalência dessa doença que compromete a qualidade de vida das pessoas e ficar doente não é justo para ninguém”.

FS/UnB investe na criação de ambientes saudáveis



Pensando no incentivo a hábitos saudáveis, a FS tem investido na disponibilização de ambientes que proporcionam educação e promoção em saúde, a exemplo dos diversos projetos como: Lixo Zero-carregue o lixo até o próximo cesto; Redário a céu aberto; Plante um livro no jardim da FS; TV ComunicaFS; Espaço Coletivo Cora Coralina; Sala de Leitura Dona Marly; e o mais novo, Ponto de Encontro Comunitário, fruto da parceria da direção da Faculdade com a Novacap e que possibilitou a instalação

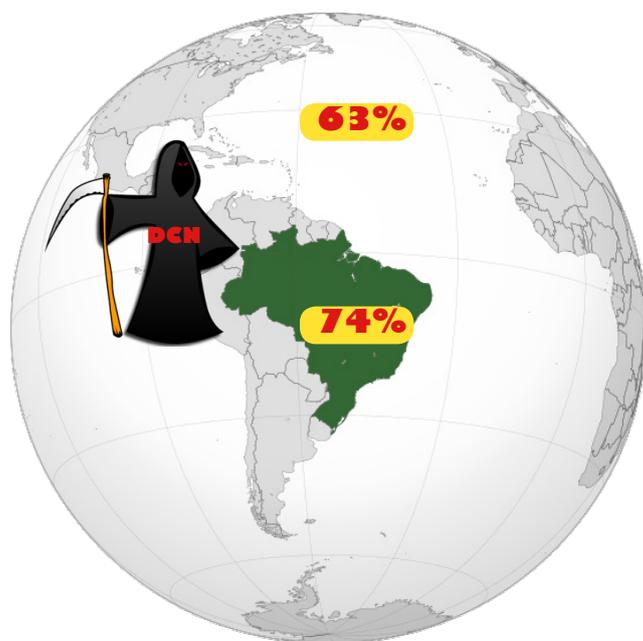
de uma academia permanente na instituição.

O prefeito da FS, Pedro Ferreira Carvalho Neto, afirma que ter um espaço onde os servidores pudessem se exercitar era um desejo antigo. De acordo com ele, este é o primeiro PEC instalado na UnB e a proposta é trazer mais qualidade de vida para os servidores, técnicos administrativos, estudantes, professores e toda a comunidade. A academia fica no jardim externo da FS, próximo a entrada que dá acesso à direção.

O dia 31 de março é o Dia da Saúde e da Nutrição. Essa data faz parte do calendário oficial do Ministério da Saúde e tem o objetivo principal de conscientizar a população sobre a importância da saúde e da boa alimentação. Esse dia foi escolhido para que as pessoas pudessem pensar na sua própria saúde e hábitos alimentares. Também serve para que as instituições, públicas e privadas, reflitam sobre como podem contribuir para um desenvolvimento sustentável nessa área.



Má alimentação é uma das principais responsáveis por doenças crônicas



Percentual de óbitos causados por doenças crônicas no Brasil e no mundo. Fonte: [Portal da Saúde \(MS\)](http://Portal da Saúde (MS)).

É fato que as pessoas já ouviram falar que má alimentação causa hipertensão, diabetes, doenças cardiovasculares, vários tipos de câncer, dentre outras enfermidades. Talvez o que muitos não saibam é que a alimentação inadequada está no mesmo patamar que o tabagismo e o alcoolismo na causa desses males.

As doenças crônicas, por sua vez, são consideradas um sério problema de saúde pública, pois são responsáveis por 63% das mortes no mundo e de 74% dos óbitos no Brasil, segundo estimati-

vas da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Departamento de Análise de Situação de Saúde da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde. Entretanto, elas não matam as pessoas de um dia para o outro. “A consequência de não cuidarmos da nossa saúde e não favorecermos uma alimentação saudável é o surgimento das doenças crônicas, que comprometem a saúde das pessoas e a economia do país, pois é gasto muito dinheiro com medicamentos, cirurgias e outros atendimentos”.

21 a 24
março
2016
Campo Grande
Mato Grosso do Sul - MS

Diferença sim, Desigualdade não:
pluralidade na invenção da vida.

12º CONGRESSO
INTERNACIONAL
redeunida

Está chegando a hora: 12º Congresso Internacional da Rede Unida

Os membros da Associação Brasileira da Rede Unida convidam trabalhadores da saúde, usuários do SUS, pesquisadores, estudantes, professores, gestores e representantes de movimentos sociais, das áreas da educação e da saúde, a mais uma edição de seu Congresso Internacional, que será realizado entre os dias 21 e 24 de março de 2016, em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. As inscrições seguem até o início do evento e vários professores e estudantes das FS e FM vão participar do evento.

Em sua 12ª edição, o Congresso traz como tema central “Diferença sim, desigualdade não: pluralidade na invenção da vida” para iluminar o debate sobre a pluralidade da construção dos processos críticos-reflexivos no agir, no ensinar, no aprender e no produzir a saúde, que emergem como necessidades elementares para o fortalecimento do SUS e da Sociedade. O tema visa, ainda, valorizar a vida enquanto representação da diversidade e da singularidade, que se apresenta como um grande desafio no cotidiano e confronta ato-

res sociais com a indagação: “Como potencializar a interação social no sentido do respeito ao outro, à saúde e à vida?”.

O amadurecimento das ações da Rede Unida, nos últimos anos, junto à expressiva e crescente participação do Centro-Oeste nos Encontros Regionais e Congressos Internacionais, desde 2009, fizeram com que a Coordenação Nacional escolhesse Mato Grosso do Sul para realizar o primeiro grande evento Internacional da Rede Unida, na Região. E a oportunidade de trazer o evento para um espaço universitário, consubstanciado pelo convite da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) para sediar o Congresso, reforçou a decisão.

A programação do congresso conta com apresentação de trabalhos acadêmicos, relatos de experiências e aproximações com o SUS, realização de oficinas, mostras, fóruns internacionais, seminários, dentre outras atividades que transformarão a 12ª edição do Congresso em um grande “Condomínio da Saúde”. Saiba mais >> www.redeunida.org.br/congresso2016.

Livro reúne artigos sobre aproximação da Universidade aos Movimentos Sociais



Lançado no fim de 2015, o livro “Universidade e Movimentos Sociais”, organizado pelo sociólogo e professor da Faculdade de Educação da UnB Erlando Rêses, reúne artigos que suscitam reflexões sobre a aproximação da universidade aos movimentos sociais, bem como a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. De acordo com o organizador, a obra é fruto de um edital lançado em comemoração aos 50 anos da UnB e surgiu após um seminário realizado por integrantes do Centro de Memória Viva em Educação Popular, da Faculdade de Educação. “Resolvemos realizar um seminário que envolvesse essa relação do saber acadêmico com os movimentos sociais e populares, agregando intelectuais para apresentações e vínculos a partir dos movimentos e, assim, professores, pesquisadores e representantes dos movimentos escreveram para o livro”, conta.

A publicação aborda um modelo de universidade que, apesar de ser um preceito constitucional, nem sempre é praticado a con-

tento nas instituições de ensino superior. Segundo Erlando, esse preceito consiste em trabalhar o tripé ensino, pesquisa e extensão de forma indissolúvel. “É um modelo instituído, pensado e gestado por um alemão chamado Wilhelm Humboldt, que vê os movimentos não como meros reprodutores de dados e informações para que os pesquisadores desenvolvam suas pesquisas, mas contribuindo com o desenvolvimento e a qualificação de práticas, saberes populares e o conhecimento cotidiano das comunidades, para, com eles, ressignificá-las para que tragam melhorias à qualidade de vida e uma intervenção social na comunidade”, explica.

Os professores Oviromar Flores e Clélia Parreira, das Faculdade de Ciências da Saúde e de Ceilândia da UnB (FS e FCE/ UnB), são autores de um dos artigos publicados no livro. Sob o título “Movimentos sociais e Diálogos Possíveis”, o texto discute experiências de educação popular em saúde desenvolvidas pelos movimentos da cidade de Ceilândia-DF. De acordo com os autores, a FCE e a cidade têm um trabalho bem próximo, devido ao movimento para a criação da Faculdade e vários projetos das unidades acadêmicas da UnB que têm a região como cenário de atuação, antes mesmo da criação da Faculdade.

Eles relembram a ação do Mo-

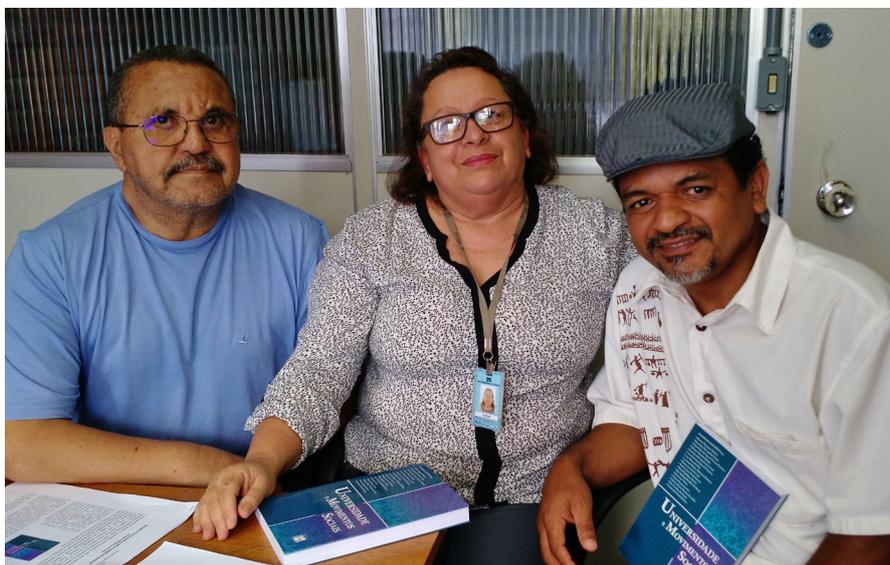
vimento Pró Universidade Pública na Ceilândia, “Mopuc” e contam que quando foram para lá, há sete anos, identificaram a existência de muitos movimentos populares e práticas de educação popular. Clélia explica que na ocasião havia um edital de fomento à pesquisa e eles resolveram propor um projeto para conhecer iniciativas que tivessem identidade ou fossem especificamente da área da saúde.

Conforme o livro, a pesquisa analisou práticas de educação popular em Ceilândia após um levantamento das ações desenvolvidas e buscou caracterizar atores envolvidos em sua concretização, as principais temáticas tratadas e o perfil dos beneficiários dessas iniciativas que, segundo os autores, são genuinamente populares e, portanto, mais próximas às expectativas e desejos dos sujeitos que delas participavam.

“A partir disso passamos a dar uma visão acadêmica para as práticas, reconhecendo o potencial educador desses movimentos, sendo consultores, dando forma, melhorando termos estruturantes e metodológicos, perguntando onde podíamos entrar, pois eles são os verdadeiros educadores”

O professor Oviromar destaca que o local de realização dessas práticas, na perspectiva da mobilização popular pela educação em Ceilândia, tinha que ser marcado territorialmente na FCE. “Quando tivemos a oportunidade de fazer essa pesquisa, pensamos em identificar o ‘estado da arte’ da educação popular na Ceilândia, uma vez que sabíamos da vasta oferta dessas atividades. Pelo histórico da cidade, sabíamos das lu-

tas do movimento por transporte público, água, moradia, dentre outros direitos humanos. Apesar de a visão dominante apontar que Ceilândia é violenta, tivemos a oportunidade de tirar esse estigma e mostrar coisas boas que acontecem por lá, com perspectivas educativas e totalmente espontâneas da população”, afirma.



Oviromar Flores e Clélia Parreira são autores de um dos artigos do livro organizado por Erlando Rêses (à direita). Foto: Ádria Albarado.

Ainda de acordo com ele, a experiência foi rica porque mostrou não o que os professores/pesquisadores tinham a ensinar para a população, mas sim como poderiam se aproximar melhor e compreender como ela se articula, o que ela vê como necessário para educação desses grupos de jovens, mulheres,

“Quando falamos em prática de educação popular temos que estabelecer diálogos que possuem tempos diferentes, exigem envolvimento, que não são apenas intenções, mas gestos[...].”

idosos, sem-terra que integram os grupos sociais. “A partir disso passamos a dar uma visão acadêmica para as práticas, reconhecendo o potencial educador desses movimentos, sendo consultores, dando forma, melhorando termos estruturantes e metodológicos, perguntando onde podíamos entrar, pois eles são os verdadeiros educadores”, destaca Oviromar.

Para a professora Clélia, a pesquisa os ajudou e favoreceu na tentativa de estabelecer uma relação mais igualitária entre as práticas de

educação popular em saúde dos movimentos e o conhecimento dos pesquisadores. “Muitos diziam que não sabiam porque nós estávamos lhes procurando, pois ‘não trabalhavam nada da saúde’, sendo que tinham ações como cuidado de adolescente, com orientação sexual e higiene, questão das drogas, enfim, eram pedagogos do momento, educadores da saúde e os ajudamos a se situar. Reconhecer esses saberes e práticas deles foi uma forma de fazer uma devolutiva imediata durante os grupos focais”.

O êxito do trabalho, segundo os professores, se deu graças ao estabelecimento de relações respeitadas entre os envolvidos da universidade e dos movimentos. Clélia explica que a prática de educação popular é orgânica e traz a necessidade de transformação da realidade e não só a realidade da comunidade, mas também a da universidade e dos pesquisadores.

“[...]Não há mais aquele intelectual tradicional que se mobilizava pelas grandes causas, frente a necessidade do movimento social aparece o intelectual orgânico, que se identifica com o movimento social e se coloca a serviço dele, que nesse caso seria a Universidade, para se abrir para o outro lado da sociedade que está marginalizada apesar de todas as políticas compensatórias”

que essas pessoas, hoje idosas, têm novas pautas para a gente. Eles colocam o que deve ser trabalhado e não contam apenas histórias de 40 anos atrás. Isso ocorre porque como elas dizem, as coisas mudaram e, às vezes, a relação academia e comunidade se estabelece nos termos de como era antes e não assume que a produção do conhecimento nos termos de educação popular não pode ser de encomenda e entrega de serviços”.

Ela continua: “Quando começamos a trabalhar, a ouvir as histórias e a perceber que a população tem muitas pautas e necessidades que têm a ver com a saúde entendemos essa diferença. Na medida em que estabelece-se uma relação em que se obtém ganhos, entra-se numa outra perspectiva, afinal, as expectativas do serviço, da universidade ou da comunidade isoladas, não são suficientes. É preciso saber quais são as necessidades de saúde

de e rede, juntos. Isso só é possível no cotidiano, pois se for eventual, não vai acontecer, pois a educação popular nos mostra que existe importância, necessidade e valor de todos os lados”.

As práticas de educação popular, segundo Oviomar, estão bem próximas às ações de integração ensino-serviço-comunidade preconizadas nas diretrizes curriculares nacionais (DCNs) mais recentes. Segundo ele, aos poucos, têm influenciado a Universidade para um caminho cujo modelo de formação profissional em saúde e de atendimento nos serviços, transforme a realidade e contribua para uma

melhor compreensão dela. O professor afirma: “Com o neoliberalismo, o intelectual brasileiro virou um consultor, conforme diz Marielena Chauí. Não há mais aquele intelectual tradicional que se mobilizava pelas grandes causas, frente a necessidade do movimento social aparece o intelectual orgânico, que se identifica com o movimento social e se coloca a serviço dele, que nesse caso seria a Universidade, para se abrir para o outro lado da sociedade que está marginalizada apesar de todas as políticas compensatórias”.

Os professores pretendem dar continuidade à obra com a produ-

ção de mais volumes do livro. O objetivo é trazer relatos dos próprios movimentos sobre as experiências que vivenciaram junto à UnB e ceder espaço para que estudantes relatem trabalhos sobre educação popular e compartilhem sobre como isso influenciou na formação deles. A intenção também é oportunizar acesso às pessoas que querem conhecer mais sobre o tema, afinal, muitas pessoas não entendem que existem métodos e estruturação na educação popular, um método problematizador, com fundamentação teórica, bastante estudada que precisa de mais reconhecimento.

CONVITE

**LANÇAMENTO DE LIVRO
DEBATE COM CALOUROS**

**FACULDADE DE CEILÂNDIA
AUDITÓRIO DA UAC**

**08 DE MARÇO DE 2016
15h30**

ERILANDO DA SILVA RESES (org.)

- Alberto Mesquita Martins
- Alexandre Bernardino Costa
- Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira
- Fabiane Macedo Borges
- José Geraldo de Sousa Junior
- Livia Gimenes Dias da Fonseca
- Luiz Alves da Silva
- Luiza de Marillac Meneles Barbosa
- Maria Luiza Pinho Leal
- Maria Luiza Pinho Pereira
- Nair Heloisa Bischoff de Sousa
- Oviomar Flores
- Priscy Dúguez Lima
- Patrícia Maria Fonseca Escalada
- Perci Coelho de Souza
- Vicente de Paula Faleiros

**UNIVERSIDADE
E MOVIMENTOS
SOCIAIS**

A versão digital do livro
está disponível na internet
e pode ser acessada
[aqui.](#)

Parabéns a você que apesar de sofrer violências físicas, sexuais, psicológicas e morais cotidianamente, em casa, no trabalho, na universidade e, nas ruas; é responsável pelo comando de aproximadamente 40% das famílias brasileiras.

Parabéns a você que apesar de receber 34% a menos que os homens, tem grau de escolaridade mais elevado que o deles.

Parabéns a você que mesmo cumprindo jornadas de trabalho de 40 a 44 horas

semanais, chega a dedicar entre 20 e 25 horas semanais aos cuidados com a casa e os filhos.

Parabéns a você que é maioria a ingressar no ensino superior.

Parabéns a você cujo percentual médio de ingresso em cursos de graduação presenciais até 2013 foi de 55% do total.

Parabéns a você que é 60% dos concluintes desses cursos.

Parabéns a você que é maioria nos cursos da área de humanas.



**De Março.
Dia Internacional
da Mulher.**

Uma Homenagem a quem, com força
sabedoria e delicadeza,
transforma o nosso dia-a-dia
em algo suave e encantador.

Parabéns a você, MULHER!

Uma homenagem da coordenação do SSE



Ao iniciar este semestre de 2016.1, colhendo o esforço do movimento coletivo de investir na mudança dos nossos cursos de graduação com ênfase na interprofissionalidade e na integração ensino-serviço-comunidade (GraduaSUS), desejamos que cada um/uma tenha energia e encontre brechas no cotidiano para realização pessoal mas, também, prazer em investir no bem público e no nosso projeto coletivo!

Precisamos de cada um/uma nesta caminhada e nos voos que delineamos para atingir novos patamares na articulação dos mundos da educação e do trabalho na saúde!

Coordenação SSE

Coordenação:

Dais Rocha, Dayde Silva e Elza Noronha

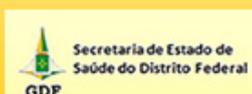
Revisão:

Dais Rocha

Jornalista responsável:

Ádria Albarado DRT 439/RR

**Faculdades de Ciências da Saúde
e de Medicina da UnB**



**Ministério da
Saúde**



Direção da FS/UnB, Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte -
Brasília/DF. (061) 3107-1702. bemtevi.unb@gmail.com /
sse.unb@gmail.com